

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte O Estado de São Paulo Class.: 39

Data 21 de junho de 1991 Pg.: 12



Rodolfo Oliveira Geradhi/AE

Tucuruí: agricultores que vivem perto da barragem tentam espantar mosquitos

Praga de mosquitos ataca agricultores paraenses

A quantidade de insetos aumentou com o fechamento da barragem de Tucuruí, no Pará

A proliferação de mosquitos as margens do lago artificial de Tucuruí, no Rio Tocantins, Pará, está levando ao desespero quase 1.500 famílias de agricultores que ali vivem. Vários lavradores já abandonaram a região por não suportar a praga e os prefeitos das três cidades mais afetadas, Tucuruí, Jacunda e Itupiranga, decretaram estado de emergência. "A gente não precisa mais morrer para conhecer o inferno, porque o inferno é aqui", diz a lavradora paraense Maria do Socorro Mores, de 43 anos.

O problema surgiu após o fechamento da barragem de Tucuruí, em 1984. De lá para cá só se agravou e, segundo o relato de uma comissão de estudos, formada por técnicos do governo federal para estudar o fenômeno. Pode-se contar até 500 picadas de mosquito, em uma

hora, em pessoas sem proteção especial. O lavrador José Guedes de Oliveira e a mulher, Ana Oliveira, contam que só conseguem alimentar-se quando se refugiam sob um mosquito que colocaram em sua casa. "Já nem sei quantas noites deixei de dormir por causa dos mosquitos", diz José.

FOGUEIRAS

Durante dia, para conseguir realizar suas tarefas, os lavradores acendem fogueiras, trabalhando em meio à fumaça. À noite executam um ritual semelhante, espalhando latas pela casa, ondem queimam qualquer tipo de material capaz de provocar fumaça e espantar as nuvens de mosquitos. Mesmo quando fala, Maria do Socorro não para de bater nas pernas e nos braços com as mãos. "É assim que a gente passa o tempo todo: de dia não consegue trabalhar direito e de noite não dorme", fazem mais fumaça, em latas maiores, para conseguir dormir em meio a nuvens de muriçocas.

Tucuruí fica no sudeste da Amazonia e é uma das maiores hidrelétricas do mundo, com um lago de 2.430 quilômetros quadrados para produzir, em sua fase final, 8 milhões de kilowatts. Como a floresta não foi retirada antes do fechamento da barragem, o que era recomendável, muitas árvores morreram por afogamento e hoje formam um "paliteiro" ou zona de troncos mortos em pé. O "paliteiro" favorece a fixação de plantas aquáticas (macrofitas) por centenas de quilômetros quadrados e as plantas servem de criadouros para as larvas de mosquitos e moscas.

Os mosquitos chegam a atingir um raio de 20 quilômetros. Como as outras famílias que, antes da hidrelétrica, viviam as margens do rio Tocantins, Maria do Socorro, o marido José Rego e o filho foram reassentados em um lote de 50 hectares junto ao grande lago artificial.

Logo após o fechamento da barragem, em 1984, os pesquisadores do INPA constataram o aumento da quantidade do mosquito *Mansonia titilans*, o mosquito azul ou muriçoca, e alertaram a Eletronorte sobre o problema. O presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Tucuruí, João da Costa Nunes, confirma que desde 1985 o sindicato vem recebendo denúncias da praga de mosquitos na margem esquerda do lago, num trecho cortado pela rodovia Tranzamazonica.

Em 1988, através da Superintendência de Campanhas de Saúde Pública (Sucam), o governo borrifou inseticida na área. Não resolveu, os mosquitos fizeram apenas uma breve pausa.

Em compensação, dezenas de animais domésticos morreram e os lavradores reclamam até hoje de problemas de saúde associados ao pesticida. O sindicato dos trabalhadores rurais passou, então, a impedir a volta da Sucam a área: "Eles vinham matar os mosquitos e acabavam matando as pessoas", diz Raimundo Nonato Sivla, ex-presidente do sindicato.

Um estudo constatou que além do *Mansonia*, outras espécies vem proliferando desde 1987. Entre as espécies em desequilíbrio está a mosca hematófaga *Lepiselagk grassipes*, vulgarmente conhecida como cabo verde ou mutuca, que ataca durante o dia, é extremamente voraz e suas picadas provocam coceira forte e ferimentos.

Inseto deu nome a cidade

Ninguém pensaria em prestar homenagens a um mosquito. Entretanto, pelo menos 90 mil pessoas não sentem o menor constrangimento em morar numa cidade batizada com o nome de um mosquito que infernizou a vida dos índios que habitaram a região. A cidade é Birigüi, a 520 quilômetros de São Paulo, na região Noroeste do Estado.

Pequeno e tendo como características principais um zunido terrível e picadas ardidas, o inseto foi logo chamado pelos índios de birigüi, que em tupi-guarani quer dizer mosquito pequeno. Anos mais tarde, quando as plantações de café já dominavam a região, os colonos atraídos pelas terras férteis passaram a ser as novas vítimas. A rápida proliferação do mosquito colaborou para que milhões deles sobrevivessem até a fundação oficial da cidade, em setembro de 1911. E mesmo que se quisesse escolher um outro nome para a cidade, os pioneiros não conseguiriam. O nome Birigüi já era de domínio público. O mosquito era popular demais.

No Brasil, dois outros casos notáveis ocorreram por causa de poluição da água. No final da década de 70, a população rural de Apucarana, cidade do interior do Paraná, foi vítima

de enxames de mosquitos borrachudos durante quase um ano. Na mesma época, em Maracá, município paulista, na região de Assis, os pernilongos proliferavam numa velocidade tão grande, que a Câmara Municipal chegou a discutir a decretação do estado de sítio.

Em Apucarana, descobriu-se que o excesso de inseticidas usados na lavoura e que, sob a ação das chuvas, acabava desaguando nos rios, estava quebrando uma cadeia alimentar. Os venenos matavam os peixes, principais comedores das larvas dos mosquitos, facilitando assim a sua proliferação. No caso de Maracá, era uma usina de açúcar e álcool que despejava dejetos não tratados num lago próximo à cidade, provocando a morte de plantas que alimentavam os peixes.

"Toda vez que o homem rompe uma cadeia alimentar, acaba desencadeando problemas que ainda não são totalmente previsíveis", afirma a bióloga Samia Maria Tauk, diretora do Centro de Estudos Ambientais da Universidade Estadual Paulista (Unesp). "Em Tucuruí, onde foi submersa uma das maiores florestas do mundo, os mosquitos podem ser a primeira sinal das mudanças."